

Otávio Velho

Procura-se perguntar se as “margens” - ou a periferia ou os “grotões”, como se queira - ao invés de serem antípodas dos “centros”, não poderiam ser vistos como lugares privilegiados para se revelar aquilo que apenas se *disfarça* melhor nos “centros”. O que quando se transfere a questão para um panorama mais amplo se manifestaria num jogo complexo e dinâmico de dominâncias e recessividades que faz com que por vezes um diálogo interno só possa ser deflagrado por um encontro entre culturas, a dominância de uma trazendo à tona o recessivo da outra. Ou então num jogo de antinomias, de qualquer maneira rompendo-se com a visão das oposições simples entre presenças e ausências. Oposições estas que costumam organizar o nosso pensamento. Por exemplo, nas clássicas e naturalizadas comparações entre o Brasil e outros países, rotineiramente os da Europa ou os Estados Unidos, que tanto têm marcado implícita ou explicitamente o pensamento social brasileiro e que a antropologia abraçou prazerosamente, dada a sua tradição das comparações por contraste.

Isto foi de certo modo formulado de maneira provocativa e inesperada para mim por um pastor brasileiro da Igreja Universal do Reino de Deus a que assisti em Lisboa há alguns anos atrás. O pastor buscava veementemente convencer os seus ouvintes de que o fato de as entidades afro não serem reconhecidas em Portugal, **não** significava que elas lá não estivessem, e atuantes (o que significa, aliás, também que o aprendizado nos vem seguidamente de fontes e linguagens as mais inesperadas, tal como já deveria ter nos habituado uma etnografia radicalmente simétrica). É verdade que ao lado do seu contrário e também das evidentes ambivalências, essa percepção presta-se a uma política e a uma prática de evitações e segregações que podem ter o Brasil como alvo, quando não como um campo de missão. A evitação, aliás, me pareceu sugerida algum tempo depois em Misiones, na Argentina, ao se identificar o Brasil como “centro” de propagação das mais diversas entidades, ela se dando nos casos em que essas são consideradas maléficas; caracterização que oscilava muito de acordo com a versão, originalmente evangélica ou ela mesma afro. Mas de um modo mais geral, o que essa percepção representa é de fato o reconhecimento vivido de inevitáveis e estruturantes conexões e contágios, cujo sentido é, no entanto, diversificado e transformável; ao mesmo tempo nos alertando por isso mesmo contra abusos, reificações e reducionismos na identificação das diferenças. E esse reconhecimento, por sua vez, pode levar a que se assuma o fato de a partir da periferia se desenvolverem perspectivas privilegiadas, na

medida em que daí se enxergue por ângulos distintos aquilo que de outros lugares é menos evidente. Os exemplos poderiam ser multiplicados, sem prejuízo da sua convivência paradoxal com outras formas de contágio, como as antigas e persistentes posturas *mais realistas do que o rei*, a outra face da mesma moeda.

Nos últimos anos esse reconhecimento parece se tornar crescentemente público, mas particularmente - embora isso possa ser invertido - devido a desilusões com o paradigma eurocêntrico. Desilusões acompanhadas de surpresas com desenvolvimentos inesperados no *Terceiro Mundo* - e em outra oportunidade eu gostaria de argumentar a favor da atualidade dessa expressão - que contrariariam a história estabelecida. O que é o caso, por um lado, diante da observação do caráter crescentemente fechado dos sistemas políticos e econômicos do Primeiro Mundo que não parece permitir mais o contraste tão nítido entre o nosso autoritarismo e o liberalismo deles que foi fundamental no passado para as minhas próprias reflexões; e por outro lado, a visibilidade incontornável dos chamados *emergentes* e tudo o que representam no mundo de hoje. O que, aliás, mais uma vez revela como a coruja de Minerva de fato só alça vôo ao anoitecer, perseguindo os acontecimentos.

Uma das implicações disso tudo é que, ao abandonarmos esses dualismos, por sua vez contemplemos a hipótese contra-intuitiva de que os processos de mudança possam redundar em um leque muito maior de resultados do que sugeriria uma visão que tomasse a história europeia (ou seu estereótipo) como paradigma e referência. Como também que aquilo que temos observado etnograficamente em nível "local" talvez deva ser proveitosamente projetado num panorama global e para pensar as relações entre grandes entidades; o que revelaria o caráter detonador de uma importante alteração de perspectiva que pode ter uma ciência social a partir das margens. Tanto do ponto de vista analítico descritivo, quanto de uma teorização mais ampla ou mesmo de uma discussão de natureza epistemológica e política. O que deveria pôr em xeque também as próprias relações acadêmicas internacionais e as redes em que nos inserimos, sugerindo novos modos de relacionamento, bem como novas articulações e mesmo alianças.

Mas esse deveria ser um esforço coletivo. Esforço que começasse por colocar entre parênteses as hierarquias organizadoras das nossas comunidades de pesquisa. E em que verdadeiramente déssemos a palavra às margens no sentido proposto. Sentido que não se reduz a um complemento ritualístico em nome de princípios abstratos àquilo que verdadeiramente interessa a uma ciência social "séria". Ciência que supostamente trataria diretamente e sem desvios do que se passa nos centros que importam e nessa medida seria reconhecida. O que constitui para nós um permanente canto de sereia, quando não um exercício de narcisismo e de um senso erudito quase-comum que se comunica fluidamente

com aqueles que o cultivam ou que espontaneamente o compartilham. Pelo contrário, estaria mais próximo da retomada dos princípios de uma prática milenar registrada em muitas tradições - tanto do Ocidente quanto do Oriente - segundo a qual um passo para fora da *Cidade* ou daquilo que ela representaria como lugar de civilização, diferentemente do que crêem os mais realistas do que o rei é também um passo essencial para questionar o normal e o estabelecido, e até as conotações negativas usuais da *anomia*. Bem como para questionar uma confusão entre por um lado um projeto eurocêntrico historicista de modernidade, que se faz acompanhar da transformação de uma defesa das liberdades individuais - que em certo momento nos uniu na resistência ao autoritarismo - num ideário individualista em suas diversas versões, possuidor de considerável capacidade de controlar e organizar numa perspectiva evolucionista e de abuso das diferenças a agenda libertária e, inclusive, as formas legítimas de democracia e de dissidência; e, por outro lado, o real. O real em toda a sua riqueza, seus mistérios, duplo-vínculos e antinomias, que põem em dúvida as pretensões exclusivistas das teorias e ideologias. E tudo isso num mundo que está longe de ser inerme; constatação que por sua vez nos aproxima de uma poética da vida. Mas aproxima pelas margens, evidentemente, aí incluídos os humanos e os não-humanos que as habitam no sentido mais amplo.

Quem sabe, até, os cientistas sociais, ao invés de se ofenderem e buscarem demonstrar o contrário – por vezes com efeitos nefastos – aos colegas de outras áreas que os tratam como periféricos, não poderiam assumir e valorizar essa posição? Poderiam, então – quem sabe? - construir um novo e relevante papel na transformação do conjunto do campo científico e no relacionamento deste com a sociedade e outros modos de conhecimento. Mas isso pode ficar para tratarmos em outra ocasião.